

ANOTAÇÕES PERIPATÉTICAS

Carmina Mendes André¹

“Para fazer a avaliação de um livro, um homem, ou uma música, nosso primeiro reflexo é perguntarmo-nos: Sabe ele caminhar?”

Frederic Gros (2010, p. 27).

Por que caminhar para escrever este texto-experimento?

¹ Pesquisadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). mendes.andre@unesp.br.

✉ Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, São Paulo, SP. 01140-070.

Uma escrita em um dossiê cujo tema tangencia a arte urbana, caso fosse realizada apenas entre quatro paredes, apenas na escrivaninha abarrotada de livros, talvez se torne pesada e indigesta.

Aquele que compõe caminhando está, pelo contrário, livre de amarras, seu pensamento não é escravo dos outros volumes, do peso das verificações, da carga do pensamento alheio. Não há contas a prestar, a ninguém. [...] É um pensamento que brota de um movimento, de um impulso. Sente-se aí a elasticidade do corpo, o movimento da dança (GROS, 2010, p. 27).

Como docente de uma Licenciatura em Artes Cênicas, praticante a muitos anos de intervenção urbana como tática arte-educativa, desejo escrever algo que possa criar um diálogo entre processos criativos e processos educativos. É com esse espírito que crio um “jogo ou prática do caminhante” para conceber esse texto, que é também um experimento. Fiz um convite (a mim mesma) a escrever não apenas com as mãos. Só se escreve bem “com os pés” diz Nietzsche (apud GROS, 2010, p. 28) em “Gaia Ciência”.

A aposta inicial coloca-me em deriva para meu interior. Busco uma escrita em confluência com a vivência colhida colocando meu corpo em estado de aprendizagem. O jogo ou a prática consiste em realizar caminhadas curtas, mas diárias, em diferentes localidades, no período da manhã.

Os passeios são escritos sob a forma do que chamo “encontros”, para não chamar de quadros ou cenas do cotidiano. A dramaturgia que se faz presente nas andanças constitui-se de três vozes narrativas: o “olho que descreve” o fora (encontro com as coisas e seres do mundo), o “olho que expressa” o dentro (encontros com os sentimentos, pensamentos e sensações físicas) e o “terceiro olho” que filosofa (os pensamentos e as imagens imaginadas que surgem do encontro entre o dentro e o fora).

Depois de algumas tentativas formais, opto pela narração em terceira pessoa, pois o distanciamento acaba por trazer-me maior liberdade poética. Por isso, penso que esse texto é um misto de escrita ensaística com indícios de literatura.

*

Não se faz nada ao caminhar, só se caminha. Mas não ter nada para fazer exceto caminhar permite resgatar o puro sentimento de ser, redescobrir a simples alegria de existir, de que é feita a infância por inteiro. Assim, a caminhada, aliviando-nos da obrigação do fazer, arrancando-nos da obsessão por ele, permite-nos reencontrar essa eternidade infantil. Quero dizer que caminhar é uma brincadeira de criança. Maravilhar-se com o tempo que está fazendo, com o fulgor do sol, com a imponentia das árvores, com o azul do céu. Não

preciso para isso de experiência alguma, de competência alguma. [...] A eterna criança é a que nunca viu nada tão belo porque não compara (GROS, 2010, p. 87).

Acolho a provocação de filosofar sobre a “infância do pensamento” de que nos lança Walter Kohan (2015) ao estudar J. F. Lyotard. Para esse último, filosofar é um recomeço do pensamento, recomeço provocado por perguntas, “pode-se dizer que quando pensamos, estamos sempre no começo” (KOHAN, 2015, p. 217).

Para dizê-lo com outras palavras: pensar de verdade, pensar-se a si mesmo, fazer da filosofia um exercício de se colocar a si mesmo em questão exige, a cada momento, ir até a mais recôndita infância do pensamento, começar a pensar tudo de novo como se nunca tivéssemos pensado, como se, a cada vez, estivéssemos pensando pela primeira vez. Assim, a infância é quase uma condição da filosofia (KOHAN, 2015, p. 217).

Diante da ideia da “infância do pensamento”, do recomeço como condição do ato de pensar, coloquei-me em uma prática de caminhante com a esperança de aprender o que poderia ser a “infância do caminhante”. Caminhar para aprender o recomeço, caminhar até que a infância habitasse meu corpo.

Andei a pé por dias, ininterruptamente, (durante um período que não determinei, mas que terminou quando julguei que a infância do caminhante se havia feito presente). Ora caminhei em lugares diferentes, ora nos mesmos lugares.

*

Práticas artísticas performativas, derivas urbanas coletivas, funcionam como acupuntura cultural, resistências e ponto de ignição face às mutações aceleradas frente aos interesses imobiliários, aos intensos processos de adensamento que vem caracterizando, na atualidade, as paisagens centrais da cidade de São Paulo (AMARAL, 2021, p. 134).

Interpelo o caminho, suas cores, suas formas, os seres que o visitam; pergunto se agem, em nós, como agulhas de acupuntura e\ou como venenos? Imaginem se a cor de uma fruta que nos faz salivar tiver o poder de soltar pensamentos das árvores-mães? Uma música, se puder nos fazer mexer os quadris e libertar sorrisos presos nos pelos pubianos? Um barulho desagradável, nos angustiar a ponto de produzir dor de cabeça? Um aroma de flor na boca da noite tem a sutileza de trazer lembranças de Lá? A lua cheia, será que nos faz cantarolar? Qual a ação do vapor do asfalto em nossos corações depois de uma chuva delicada?

Anotações peripatéticas
Carmina Mendes André

Parto para o passeio na escuta esperançosa de encontrar-me com a criança em mim, e, como ela, ver o espírito das plantas, imaginar a casa das bruxas e duendes, encontrar rostos entre as pedras, sentir o calor dos corações humanos tudo pela primeira vez.

Segui-me, então, caminhante. Segui-me a passeio.

O ENCONTRO COM A ALMA

Nunca se é alguém para as colinas e as copas frondosas. Não se é mais um papel a desempenhar, nem um status, tampouco um personagem, mas um corpo, um corpo que sente as pontas das pedras sobre os caminhos, a carícia do capim alto e o frescor do vento (GROS, 2010, p. 88).

“Como manter um pensamento ou uma identidade quando se encontra um beija-flor rodeando um Manacá carregadinho de flores rosa-e-branco”, indaga ela para si mesma. Então, escutando o corpo em conversa com os acontecimentos do trajeto, resolve, sabiamente, silenciar.

O ENCONTRO COM O CORAÇÃO

No fio de energia ou telefonia uma mancha azul e amarela. Não teria visto se não caminhasse. Uma Arara azul e amarela. Como não parar e tentar um contato? O grunhido lá, a imitação cá. Um grito-gralha e depois um grito-agudo. Não é comum um animal tão raro naquelas paragens de subúrbio urbano. “Perdida e solitária tal como eu”, pensa ela.

O retorno à caminhada deixou o coração pendurado no fio. “Arara sente falta de companheiros?” E não menos dolorida por deixar a sua nova amiga, ela segue o que parece ser o seu caminho: desapegar.

O ENCONTRO COM A MENTE

Num quase silêncio da paisagem interiorana, um caminho de árvores e frescor: ela está em bairro aberto de frente a um portão com a inscrição: "CANDIDO FERREIRA, reintegrando pessoas à sociedade". Um antigo hospício transformado depois da reforma manicomial. Lentamente ela sobe até a sede. Muitas árvores enfileiradas, uma praça com um portal, bancos de descanso, papéis descartados por alguém que ali se recostou.

No diálogo consigo, uma outra mulher, produzida por sua imaginação, aparece de farda de guarda municipal, a qual pergunta:

- Que diabos você está fazendo por aqui?

Acha engraçado o tom inquisidor e a cara fechada que sua imaginação cria à personagem da policial. Pensa: "uma boa pergunta."

Lembra-se que sua mãe poderá vir morar consigo. "Será que poderei lhe fazer feliz?", pergunta para seus botões. "Não sei por que estremeço", pensa ela, "se o dia está ensolarado?". "Minha mãe adora visitar o "Cândido Ferreira". Ela se sente bem com a gentileza, com a boniteza das almas que sofrem, e também das que estão livres". O coração dispara de angústia enquanto as pernas sorriem.

- Por que você está andando por aqui, insiste a outra imaginada?

E nesse instante sua mãe se faz presente naquelas árvores altíssimas. Era preciso dobrar o pescoço para ver sua copa. "É isso!" exclama e aponta para si mesma, "o Céu azul brilhante"!

O ENCONTRO COM A UTOPIA

A caminhada permite assim, como vívidos fogos de palha, desbravar uma passagem levando até a possibilidade de sentir, em porções discretas: diversos encontros enquanto se segue o fio das trilhas (GROS, 2010, p. 143).

"Ah, que bom se o corpo, em alegria de movimento, pudesse oferecer imagens ou palavras sábias", murmura para si antes de sair.

Nas ruas de um bairro fechado os moradores tendem a se cumprimentar. Passeando, ela cumprimenta um já senhor, de uns 60 anos, muito saudável e esperto.

Anotações peripatéticas
Carmina Mendes André

“Como teria sido aquele rosto na juventude? Bonito? Sério? Olhos verdes de águia sedutora? Teria sido um jovem idealista que se tornou um empresário? O que teria ele estudado? Teria cabelos longos agora rarefeitos? Será que os sonhos de jovem se concretizaram na vida adulta? Ou teria desviado de seus ideais juvenis?”

Do rosto marcado pelo tempo do existir ela brinca de retroceder feições.

“Será que nosso corpo, é como o corpo da terra, feito um palimpsesto de histórias? Será que o que realizamos na vida madura está atado por fios do que um dia, na infância ou adolescência, sonhamos fazer?”

O ENCONTRO COM A TERRA

Caminhar é bom, como se diz, para “esvaziar a cabeça”. De modo bem diferente, caminhar preenche o espírito com outra consistência. Não a das ideias ou doutrinas, não no sentido de uma cabeça entupida de frases, citações, teorias: mas repleta da presença do mundo (GROS, 2010, p. 101).

Hoje ela acorda com o grito da Arara. Levanta ainda com preguiça, mas vai olhar a rua. Faz o café com pão e o cachorro late. É a Arara no fio de frente à casa do segundo vizinho. Admirada, não sabe o que fazer. A ave parece mansa e acostumada à presença humana. No trajeto da caminhada novamente a Arara responde a seu chamado com um voo rasante que a assusta. Segue ainda descontraída com seus sentimentos e no refletir para dentro uma voz lhe sopra ao ouvido:

- Necessidade de horizonte!

Segue para o alto do morro, pensando o queriam dizer aquelas palavras. Ao avistar o horizonte um estranhado se passa: com delicadeza de movimento, uma mão invisível retira a angústia que se anunciava em seu coração.

O ENCONTRO COM O OUTRO

Sai a caminhar por um bairro aberto e de uma classe social menos abastada. Povo de pele mestiça. Casas simples, muita areia na calçada, comércio misturado a casas de moradia. Um ferro velho em frente a um córrego transformado em lugar de caminhada. Um homem com sinais evidentes de desnutrição a cumprimenta. Gente de enxada na mão, gente de vassoura na mão, mulheres encostadas ao portão conversando. Catadores de sucatas. Repara no bebedouro para beija-flores pendurado na árvore em frente aos trabalhadores das carroças. Coisas boas para uso que são descartadas, serve para a subsistência daquela gente.

Anotações peripatéticas
Carmina Mendes André

“E no fim das contas, os beija-flores dançam para todos” pensa ela querendo esboçar um leve sorriso.

“Ah! O beija-flor”! Lembra-se que o beija-flor, para o povo Guarani, simboliza a alma da gente”, “*é a essência divina que habita o ser humano*” nos ensina Kaká Werá Jecupé. O beija-flor faz seu ninho no coração de todos.

O ENCONTRO COM A ANCESTRALIDADE

É inútil sentar-se para escrever sem nunca se ter levantado para viver
(GROS, 2010, p. 100).

Hoje o caminho se faz pela cidade velha. O início, marco zero. No pequeno povoado de Sousas, passa pela subprefeitura, a matriz, a delegacia, o teatro. Casas antigas e tombadas. Na frente da matriz um monumento em homenagem aos imigrantes italianos. O teatro é um espaço recreativo da população italiana. Ela sobe e desce ladeiras com calçamento em pedra. Na praça principal o rio Atibaia se faz presente distribuindo seu frescor. E no painel da mesma praça descobre-se que ali foi uma região de lavoura de café. Sabemos que os italianos vieram depois da abolição da escravatura, para substituir a mão de obra dos sequestrados de África. “Mas onde estaria a presença dos negros na cidade velha?” E ao atravessar a rua, de frente à subprefeitura, descobre uma capelinha de 1883 espremida entre dois estabelecimentos comerciais. Nunca a havia visto aberta.

Ninguém. Ela entra na edificação restaurada. Quadros das estações do calvário de Jesus dão dignidade às paredes laterais. Mas qual não foi sua surpresa quando chega ao altar: lá está Ela; delicada, humilde, sem chamar atenção, lá está Nossa Senhora da Aparecida, negra, como tem que ser, disfarçada pelo manto azul escuro que lhe vestiram os portugueses. O manto combina com o azul claro dos detalhes em madeira do teto da capelinha.

O ENCONTRO COM OS PÉS

Enquanto caminhamos, devemos ter consciência de que estamos andando em um ser vivo que está sustentando não somente a nós, mas toda a vida (HANH, 2021, p. 39).

Aventura-se, nesse dia, a andar do outro lado da cidade, acima do cemitério. Ali encontra um misto de casas mais simples (talvez um antigo bairro operário) com casas maiores e mais novas (de uma classe média jovem). Para quem caminha por ali, chama a atenção as muitas praças.

Anotações peripatéticas
Carmina Mendes André

Os muros e cercas elétricas traz uma sensação desagradável para quem anda a pé. No entanto, a presença da vegetação (tanto nas casas como na rua) lembra a ela a beleza e a quietude interiorana. Recobra a confiança. “Seria a vegetação uma presença feminina? Um conforto de colo materno?” pensa em passos vagarosos. Caminha beijando a terra que pisa e se preenche de energia com lera nos ensinamentos do monge Thin Nhat Hanh.

O ENCONTRO COM A MEMÓRIA

Na língua tupi a palavra “aywu” significa “ser” e também “sopro” ou “vento”. É uma designação para o espírito (JECUPÉ, 2017, p. 65).

O dia está em viração. O vento de outras terras passa em viagem, anunciando a mudança do tempo. Ela sai em passos de Buda e se coloca em escuta. “Difícil silenciar essa mente falante hoje!” O vento, em fragmentos, parece contar notícias de Lá. A música do vento nas folhas lhe causa uma ponta de tristeza. “Saudades de Lá, Lá de onde viemos”, sopra-lhe uma voz interior.

O ENCONTRO COM O DESENCONTRO

O cheiro de feijão no fogo invade a calçada. Hoje ela está com passos apressados, que desgoverna seu pensamento, que vaga rumo à tagarelice da mente. Só se dá conta disto depois de alguns quarteirões.

O passeio desse dia é do lado oposto ao cemitério. Bairro modesto, na encosta do morro, com casas muradas, mas não com cercas elétricas. Casas com alpendre. Seus ombros duros fecham seu coração. Mas mesmo assim pode observar, de esgueiras, entre os portões, muitos cantinhos de plantas de poder cultivados nos pequenos quintais. Lembra-se da noite mal dormida ainda ressoando no corpo necessitado de descanso. Homens alegres socializam-se no bar da esquina com seus copos de bebida. Porque hoje é sábado. “Sem o carinho da pisada, a terra geme de dor” lhe sussurra a voz. Levanta os olhos e avista uma igreja fechada.

Enquanto o passado e o presente se confundem, ela não mais sente seu corpo.

O ENCONTRO COM A LUZ

A mulher caminhante está com o coração pesado nesse dia, uma brasa sem luz. Doída. Então chega-lhe uma inspiração: “ande como se tivesse querendo voar. Roce a terra com os pés como se não a quisesse machucar”. Quando ela tenta o andar leve, a sensação de suspender-se no ar a acompanha. Então uma outra inspiração lhe é soprada: “ande mais devagar e respire. Suspenda e abaixe o braço na inspiração e expiração”.

Aos poucos ela nota que o dia está lindo, que os pássaros estão cantarolando, que o sol está com luz especial.

O ENCONTRO COM A SOMBRA

Não lhes contei, mas ela vive entre duas cidades: Campinas e São Paulo. Em Campinas vive em um subúrbio longe da agitação. Em São Paulo, no 22º andar, escuta toda a agitação da metrópole. Está agora em São Paulo e ao caminhar nas ruas paulistanas se depara com as tristezas e desigualdades humanas. Andar meditando por ali é um desafio. Os ruídos invadem o silêncio da mente acostumada aos cantos dos pássaros, desorientando-a. As pessoas que vivem nas ruas, suplicam por comida. “Um cenário de guerra”, pensa enquanto corre como animal assustado entre os carros que reclamam pela preferencial. “Que cansaço!” O corpo se recusa a continuar.

Prostrada em seu confortável sofá, algo mágico acontece, tal como nas peças de Shakespeare. Sua imaginação invade o ambiente mostrando-lhe um espelho e sua imagem está em pedaços. Ela não se reconhece. A magia continua e mostra um saco pesado cheio de utensílios de metal batendo uns contra os outros sem um senso de ordem harmônica. Não se reconhece ainda. E mais uma vez a magia se faz, mostrando-lhe uma Arara de proporções humanas, com as pernas quebradas, em uma cadeira de rodas, com uma latinha suplicante por alimento. Seria um delírio de um Corpo Sem Órgãos realinhado a partir do choque de realidades? (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

Mas que dimensão é essa em que eles vivem [os transeuntes contemporâneos], onde não há nuvem de poeira, não há contato, que espaço é esse sem relevo, que tempo é esse onde a chuva não conta, nem o sol? (GROS, 2010, p. 185).

O ENCONTRO COM A CRIANÇA

Ao voltar para a cidade interiorana, o corpo se realinha-se de modo diferente e ela experimenta o caminhar interno sentada em silêncio em seu dormitório antes de aventurar-se pelo caminho. É a mesma rua de sempre. Quer respirar, só isso.

Nesse dia, logo que inicia a caminhada, ao olhar para o caminho, percebe que algo está diferente. As copas das árvores mostram-se portais. E adentrando aos portais, plantas em floração tomam o aspecto luminoso de plantas sagradas. Ao chegar perto do tronco do abacateiro, um altar, feito pela natureza, chama-a para conversar com o espírito da árvore. Senta-se em uma grande pedra e em poucos segundos um inseto esverdeado acerca-se para uma prosa. Ainda ouve o riacho escondido na mata. E no avançado desta infância de caminhante, ela encontra uma mulher-árvore enterrada de ponta cabeça. Vê-se da cintura para cima: sua vulva, pernas-troncos e pés-galhos em amostra. O que teria acontecido para que sua percepção estivesse tão fora do realismo habitual? É tempo de voltar e terminar o texto, o jogo ou o próprio caminhante se esgota.

Habitar o mundo, portal, lugar, diálogo... são metáforas que permitem visualizar a atmosfera em que a compreensão do encontro seja possível. Habitar como sinônimo de criar um espaço onde o humano possa emergir: construir situações, ou melhor dizendo, "a construção concreta de ambientes momentâneos da vida e sua transformação em uma qualidade afetiva superior: [...] o cenário material da vida e os comportamentos que entranham e que o desordenam" (AMARAL, 2021, p. 136).

Ao olhar para as pegadas deixadas, observo que o rio de Heráclito se fez presente em meu corpo. Se não nos banhamos no mesmo rio como afirma o filósofo, constato que o corpo não é o mesmo a cada dia. Se esse corpo-rio de fato existe para todos (todas\es), há uma potência diária para a vivência da hipotética "infância do caminhar" de que estou a mirar.

*

O QUE PODE O CORPO?

Aprendi em cursos de curta duração com o pesquisador tapuia Kaká Werá Jecupé que, na cultura ancestral Guarani, somos constituídos\das\des por três dimensões: física (o filho\da\de da terra mãe), vibracional (campo dos sentimentos, sensações, pensamentos) e mental (o que chamam de sabedoria de espiritual). A dimensão física cuida de nossa sobrevivência, nossa dimensão vibracional cuida de nossos valores, crenças, e as emoções e, por fim, a dimensão mental cuida de nossa ação criativa (o criador que habita em nós). O grande trabalho do ser humano nessa cosmovisão é equilibrar essa “casa” de três ambientes. Habitar essa casa é tornar-se humano.

Em perspectiva científica, descreve-se a pele como o maior órgão do corpo, o que significa que o tecido poroso está pronto para a troca permanente com o “de fora”. É como nos ensina Helena Katz sobre o *corpomídia*, corpo que se comunica com ambiente externo de modo a transformar-se e transformar o que está fora.

As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que o leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças (KATZ; GREINER apud KATZ, 2010, p. 22).

Ao observar as ocorrências nos dias de caminhada e unindo as perspectivas de Werá e Katz, chego à conclusão provisória de que o corpo é um dentro preenchido por um conjunto de dimensões em permanente movimentação e interação com o campo externo (também movente). Mas também é preciso que ele seja provocado para abrir-se em novas dimensões. Então um segredo milenar me é revelado: o corpo não é algo que se captura, mesmo quando equilibramos seus centros de força, nada garante sua permanência. A vida é provisória e, com isso, obriga-nos à permanentes reinvenções de si.

*

O título. As ruas me lembram os textos dialogados de Platão que, inspirado em Sócrates, propõem o ensino por meio do diálogo em caminhada. O aprender pode ser compreendido como um processo de “conhece-te a ti mesmo”. Neste sentido, ele é o outro lado do ensino instrumental (que também estou de acordo, afinal, é na escola que aprendemos como sobreviver em nossa sociedade).

Anotações peripatéticas
Carmina Mendes André

O problema é que em nossas escolas e universidades atuais, essa, que poderia ser uma prática educativa para disparar processos de conhecimentos diversos, é pouco considerada. Caminhar como aula, é pouco tolerável no sistema educacional instrumentalista da atualidade.

A ideia da educação peripatética dá-me energia para buscar uma pedagogia de caminhante (ainda por fazer). Talvez recomeçar com as ideias de Célestin Freinet com a aula-passeio. Ou talvez aprender a caminhar como prática espiritual com os Guarani.

Por fim, convido vocês a caminharem, mesmo que sentados\as\es, em silêncio, para dentro de si como fez Yamandu, divindade do povo Tupi Guarani.

No começo de tudo, quando não havia tempo ainda, havia Yamandu. Yamandu é "o silêncio que tudo ilumina", é o ancestral de todos os ancestrais. Num determinado dia, dentro da própria luminosidade, Yamandu, que é mais que qualquer sol, Yamandu quis conhecer a dimensão de si mesmo. Foi quando ele se encolheu, dentro do Grande Início, se recolheu dentro de si mesmo e viu que era vasto (JECUPÉ apud CASOY, 2019, n.p.).



REFERÊNCIAS

- AMARAL, Lilian. [In]visibilidades urbanas. arte, memórias, cidades. **Anais...** 20º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. 8. Balance-Unbalance, PANORAMAS, 2021.
- CASOY, Rute. **Poranduba**. Roda de histórias indígenas (4Cd). Rio de Janeiro: Ed. Nau, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. p. 9-29.
- GROS, Frederic. **CAMINHAR, uma filosofia** Trad. Lília Ledon da Silva. São Paulo, Loyola, 2010.
- HANH, Thich Nhat. **A arte de Caminhar**. Ilustração Jason DeAntonis. Trad. Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Harper Colins Brasil, 2021.
- JECUPÉ, Kaká Werá. **O trovão e o vento: um caminho de evolução pelo xamanismos tupi-guarani**. São Paulo: Polar Editorial; Instituto Arapoty, 2017.

Anotações peripatéticas
Carmina Mendes André

KATZ, Helena. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. **Trama interdisciplinar**, ano 1, v. 2, p. 18-27, 2010.

KOHAN, Walter. Visões de Filosofia: infância. **ALEA**. Rio de Janeiro. vol. 17/2, p. 216-226, jul-dez 2015